

## Jogo de cartas no ensino de nomenclaturas das funções orgânicas

Ithalo Bruno de s. Sobral<sup>1\*</sup>, Luís Miguel P. de Sousa<sup>2</sup>, Fábio Batista da Costa<sup>3</sup>.

1. Estudante de licenciatura em Química do inst. Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI\* [ithalo.15@hotmail.com](mailto:ithalo.15@hotmail.com)

2. Estudante de licenciatura em Química do inst. Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI.

3. Professor do curso de licenciatura em Química do Inst. Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-IFPI.

Palavras Chave: *Nomenclatura, ensino, química orgânica.*

### Introdução

Segundo Zanon, et al. (2008), o ensino da química orgânica no ensino médio deixa algumas lacunas, principalmente em se tratando das nomenclaturas dos compostos orgânicos. É notável a dificuldade de certas nomenclaturas, os estudantes muitas das vezes não conseguem diferenciar certos compostos, a dificuldade ainda é maior entre os oxigenados.

Uma estratégia que pode ser utilizada para minimizar dificuldades como estas é o envolvimento dos estudantes em atividades lúdicas. Gomes e Friedrich (2001) comentam, que o jogo no ambiente educacional no passado não era visto como didático, pelo fato que a ideia de jogo estar associada ao prazer, portanto, ele assumia pouca importância para a formação do estudante, sua utilização demorou ser aceita e ainda hoje é pouca utilizada nas escolas, mas tem demonstrado que pode contribuir bastante para aprendizagem dos alunos.

Pensando nisso, foi possível incorporar um jogo que houvesse a participação de todos da turma e uma competição de forma prazerosa entre os alunos, jogo este que consiste em 40 cartas com perguntas referentes às nomenclaturas dos compostos orgânicos.

O presente trabalho foi aplicado em turma de 3º ano do ensino médio de uma Escola pública localizada no centro de Teresina com o objetivo de tentar sanar ou amenizar a dificuldade dos alunos na aprendizagem das nomenclaturas das funções orgânicas.

### Resultados e Discussão

O Jogo é composto de 40 cartas com perguntas e alternativas (figuras 1 e 2) e um gabarito com a resposta esperada, como mostra a figura 3. A turma foi dividida, 4 grupos, cada um contendo 8 alunos dentre os quais um foi escolhido para representar o grupo. As cartas foram embaralhadas e cada representante tirava uma carta e cada grupo tinha 30 segundos para elaborar uma resposta.

Foi organizada uma tabela no quadro, indicando cada grupo com suas respectivas pontuações, cada acerto equivalia a um ponto.

O jogo criou um ambiente de competição saudável entre os grupos, fazendo os alunos reagirem com empolgação ao jogo e, apesar de ser facultativa a participação, nenhum aluno se recusou a participar.

Houve uma melhora significativa na fixação das nomenclaturas das funções orgânicas, a maioria dos alunos conseguiu melhorar as notas e, pelo observado, estudar química orgânica se tornou mais atrativo.

Figura 1. Cartas de jogo



Figura 2. Carta do jogo

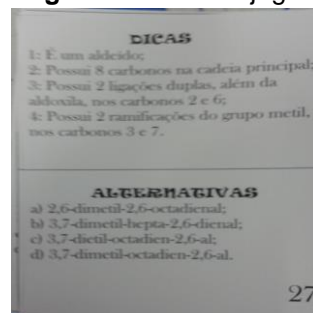
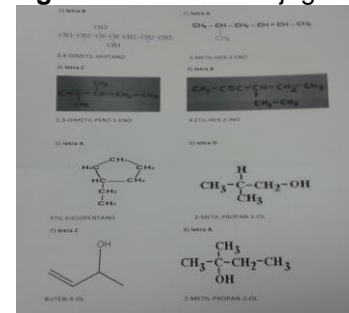


Figura 3. Gabarito do jogo



### Conclusões

A estratégia lúdica transpôs a empolgação inicial, observada normalmente neste tipo de atividade, e gerou consequências no interesse e no aprendizado do conteúdo de nomenclatura das funções orgânicas. Este aumento no interesse foi constatado, no desempenho dos alunos nas avaliações tradicionais. Pelo exposto, conclui-se que o rendimento do jogo de cartas foi satisfatório.

### Agradecimentos

Os autores agradecem a Deus, ao IFPI, ao PIBID, à direção da escola na qual se realizou esta atividade e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

### Referência bibliográfica

ZANON, Dulceire Aparecida Volante et al. Jogo didático ludo química para o ensino de nomenclatura dos compostos orgânicos: projeto, produção, aplicação e avaliação. *Ciência e cognição*, Araguaia, v. 13, p.72-81, 31 mar. 2008.

GOMES, R. R.; Friedrich, M. A Contribuição dos jogos didáticos na aprendizagem de conteúdos de Ciências e Biologia. In: EREBIO, I, Rio de Janeiro, 2001, Anais, Rio de Janeiro, 2001, p.389-92.